

A opinião pessoal merece tanto respeito, que até os cegos têm a sua maneira de ver

Martha M. Câmara

ANO III—N.º 54
FEVEREIRO
16
1955

A VENÇA

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44-LOULÉ—Tel. 216

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

Composto e Impresso na TIPOGRAFIA UNIÃO—Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq. — FARO — Telefone 154

Sanatórios

Carnaval Louletano
de 1955

RECOMEÇA a funcionar, sob a égide do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos, o Sanatório de Vasconcelos Porto, em São Brás de Alportel que, até há anos, era estabelecimento exclusivo do pessoal dos Caminhos de Ferro.

Um ilustre deputado reclamou, há dias, na Assembleia Nacional, a instalação dum outro, mas para helioterapia, na Figueira da Foz.

Segundo supomos, nenhuma região como a da costa algarvia, pelo seu clima, pelo seu sol, pela constituição rocosa do litoral do barlavento, etc., oferece melhores condições para os tratamentos helioterápicos. Pois apesar disso e do número de doentes de ossos que, da Província e do Alentejo, são mandados para o Outão e para a minhota Gelfa, o sul do País não possui qualquer estabelecimento desta natureza.

Entretanto, aqui na vizinha Albufeira existe um edifício em que a F. N. A. T. dispendeu alguns milhares de contos e a que, posta de parte a utilização como colónia de férias para que foi construído, está sem destino, condenado a ser esborado aos poucos, pelas intempéries e pelo mar... Causa pena ver, assim, inútil, uma edificação tão cara e tão monumental [iemos dizer espantosa...] e, ao mesmo tempo sabermos que existem na província centenas, para não dizer mais, de pessoas que vivem em autênticos tugúrios, na mais miserável e imoral promiscuidade! Deitar fóra dinheiro por deitar, e é o que parece, antes o tivesse sido de modo a que alguém—mesmo os pobres—o pudesse aproveitar.

Seríamos incapazes da construir 100 casas para pobres que não pudessem pagar qualquer renda, por não ser remunerativo o emprego do capital, mas foi possível construir um edifício como o que nos referimos, para o abandonar às moscas e aos assaltos das ondas!

(Continuação na 5. página)

A expansão de LOULÉ

Do sr. Dr. José Viegas Louro, recebemos uma carta a propósito do artigo que sob o título acima, veio publicado no nosso número de 16 de Janeiro findo o subscrito pelas iniciais R. P.

Da mencionada carta depreende-se ter o seu ilustre signatário visto no aludido artigo intuições que não podiam corresponder à orientação do jornal, cujo director — e o sr. Dr. Louro tem disso sobejas provas — tem por S. Ex.º não só a consideração que lhe é devida pela sua categoria mental e social, como também sentimentos de estima que vão além das simples relações de cortezia.

Não vimos que, pelo menos à primeira vista, o artigo

(Continuação na 5. página)

LONGE de mim a ideia de vir fazer a história do Carnaval de Loulé, que, um dia, já lá vai cerca de meio século, (estava eu na pujança da mocidade), um grupo de rapazes cheios de boa vontade, resolveu modificar. Foi a primeira tentativa para acabar com aquele Carnaval turbulentão e estouvado, arruaceiro e tumultuário, desbragado e sensaborão, o tradicional «Momo», folgazão destemperado e ridículo tristemente representante de uma civilização retrograda, dando lugar ao Carnaval, muito conhecido em todo o país, pelo seu fino gosto artístico e de grande beleza que os louletanos, nunca se poupando a esforços, mantêm nas tradições de tão conhecida terra.

O Carnaval de Loulé,
(Conclusão na 2.ª página)

Eng. Joaquim Barata Corrêa

VITIMADO por doença incurável, morreu em Lisboa no passado dia 7.º o Eng. Joaquim Barata Corrêa que, durante 20 anos, deu ao Algarve o melhor do seu esforço como Director de Estradas e que, por isso, a Província, de lés a lés, conhecia.

Muito lhe ficou o Algarve a dever, pois ainda hoje a sua esplêndida rede de estradas é susceptível de lisongeira comparação com as demais do País.

Possuidor duma inextinguível capacidade de trabalho, de ferreas energia e vontade que aliava o sólido saber profissional, o engenheiro Barata Corrêa deixou a sua passagem pelo Algarve, como funcionário da J. A. E. e como técnico de vários municípios a quem serviu com dedicação e zelo, assinalada por extraordinária obra de recuperação e de realização.

Algumas vezes sacrificou, com dureza, à sua ânsia de servir o bem comum,



interesses particulares que os atingidos ainda recordam, mas tais atitudes, filhas do tecnicismo da época e inspiradas em exemplos mais altos, não poucas vezes fizeram sangrar o coração do homem que o técnico do Estado subordinava e fazia calar.

Dinâmico, infatigável, insatisfeito, ansioso por fazer mais e melhor, sacrificava (Continuação na 2.ª página)

Carnaval em Loulé

PROGRAMA

Domingo Gordo (às 15 horas)

- Abertura solene das festas por S. Magestade, o Rei Carnaval, com proclamação pública.
- Início da BATALHA DE FLORES.
- Desfile de gigantones, cabeçudos e cégadas.
- Exibição, a prémio, de grupos de estudantinas e ranchos folclóricos.

Segunda-feira Gorda (às 15 h.)

- Início da BATALHA DE FLORES.
- Audiência pública de S. Magestade, o Rei do Carnaval.
- Desfile de gigantones, cabeçudos e cégadas.
- Concurso, a prémio, de Piropos (Madrigais).

Terça-feira Gorda (às 15 h.)

- Continuação da BATALHA DE FLORES.
- Desfile de gigantones, cabeçudos e cégadas.
- Concurso e classificação dos Piropos (Madrigais).
- Eleição de Miss Carnaval de Loulé-1955.
- Discurso-critico sobre as Festas, por S. Magestade o Rei do Carnaval.

PRÉMIOS: Piropos — Medalhas e brindes regionais aos 3 primeiros classificados.

Exibição de Ranchos Folclóricos e Estudantinas: 3 valiosos prémios pecuniários.

Factores determinantes

que impõem a criação duma escola técnica profissional em LOULÉ

— um valioso estudo do Dr. José António Madeira

(Continuação do número anterior)

São portanto factores sociais e psicológicos que me levam a pôr certas reservas na criação em Loulé de uma escola prática de ensino agrícola ainda que reconheça a utilidade que adviria para o progresso da região caso os factos apontados fossem desmentidos.

Mas o concelho de Loulé não basta toda a sua riqueza na agricultura. O seu comércio é enorme e em franco progresso. Mais de mil casas comerciais atestam a sua magnitude. Basta frisar que em 1951, vinte exportadores apenas dos 105 negociantes de frutos secos, transacionaram 50.000 contos aproximadamente. A importação de palma e esparto e transações da respectiva obra feita, os negócios de carvão vegetal, cortiça, peixe, carne de porco salgada e fumada, lás, ovos, gados e tantos outros produtos da região, demonstram o desafogo da sua florescente situação comercial.

Quanto à parte industrial pode di-

zer-se afiamente que este concelho concentra no seu solo e subsolo matérias primas de primeira qualidade para os diferentes ramos da indústria. Se o seu aproveitamento não tem sido racional isso deve-se à carência de

(Continuação na 4.ª página)

Novo comandante da Companhia da G. N. R.

ASSUMIU as funções de comandante da Companhia da G. N. R., arquartelada em Faro, o nosso compatriota sr. capitão Bernardino Rodrigues dos Santos, oficial brioso e com brilhante folha de serviços, a quem felicitamos e oferecemos toda a colaboração necessária e que julgar útil.

Carnaval louletano de 1955 A expansão de LOULÉ Eng. Joaquim Barata Corrêa

(Continuação da 1.ª página)

a sua comodidade pessoal, mercê desse grupo de rapazes de boas vontades, passou a ser um divertimento civilizado, de bom gosto artístico e com fins de Caridade, acabou com a selvageria antiga e boçal, veio despertar ainda mais o engandecimento da terra com mais esta manifestação de arte, que chama a ela, nestes três dias consecutivos de alegria, milhares de forasteiros, que são os seus mais insuspeitos propagandistas.

Assim surgiu, num momento feliz, a ideia de um Carnaval civilizado, de entusiasmo sempre crescente que se observa entre todos os louletanos, velhos e novos, que o desejam ver de pé, e que se vai notando de ano para ano mais original, mais belo, mais concurrido.

A loucura desbragada e a sensaboria eram o seu

modo de ser, eram as suas características, mas os louletanos que sabem sentir e querer, civilizaram-no, cortaram-lhe a cabeça desvairada. Dele nada ficou que, na Rua, impressionasse com agrado, a não ser as farrapadas. Inspidez e nada mais! Nem uma máscara, com chiste, com graça, um costume de gosto, um motivo novo ou original e de geito!

Ainda bem que acabou pela falta de gosto e originalidade das cegadas que se viam percorrer essas ruas, incomodando toda a gente, por vezes molestando, e que, de ordinário, se ensaiavam grosseiramente com o fim de apanharem umas moedas ao «Zé Povinho», embasbacado. Assim se pôs termo a essas folias incômodas, que não deixaram saudades. Chegou-lhe, portanto, a decrepitude e foi lançado à vala do esquecimento.

Louletanos! Vós que sabeis sentir o amor pela terra, vós que tendes o justificado orgulho desta manifestação de arte e bom gosto, não deixais morrer, amparai-o com carinho, com amor, porque sabeis sentir e querer como nenhum outro povo algarvio, e ainda porque ao orgulho de louletanos, espíritos de iniciativas belas, da educação cívica e energia se atribue o brilho do seu Carnaval de grande projecção.

Tudo isto é motivo de orgulho para os louletanos, que possuem a noção do bem e do belo, a par de uma bela imaginação criadora.

Para a frente sempre!
Augusto C. Bolotinha

GASAMENTO

Funcionário de finanças, deseja conhecer, para fins matrimoniais, senhora de 18 a 45 anos, com meios de fortuna e automóvel s/ rodagem.

A máxima seriedade. Resposta a este jornal ao n.º 534.

As mais lindas Rosas de Portugal
As mais famosas árvores de fruto

Arvores florestais
Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira da Silva & Filhos, Limitada

Rua D. Manuel II, 55



PORTO

(Continuação da 1.ª página)

contivesse quaisquer afirmações incorrectas ou subversivas e por isso passou sem reatores. Além disso, traduz a opinião dum particular que não coincide com a do jornal se nela se supõem intuições reservadas.

Se dum período, cuja redacção poderá ter saído menos feliz, se pretende concluir o que o sr. Dr. Louro julgou, desejamos esclarecer: somos daqueles que entendem ser a propriedade particular um direito cuja violação pelos individuos a lei pune e, por isso mesmo, ser indeclinável dever do Estado e de quaisquer entidades públicas, dar o primeiro exemplo de respeito por ela.

Quando haja conflito com o interesse público, o antagonismo é entre interesse público e interesse particular e não entre interesse público e propriedade particular. É evidente que o interesse a subordinar há-de ser o individual, mas se este se traduzir ou basear num direito de propriedade, esta deverá subsistir integral, senão em espécie, pelo menos no seu duplo aspecto: económico e moral.

No momento em que se chegue a entender que o interesse público, ou um apreciável volume de interesses particulares, poderão fazer tábua rasa do mais pequeno direito privado de propriedade [e no dizer de Salazar «a razão não depende do número nem a justiça do valor material das causas»], que o interesse público é fundamento para eliminar pura e simplesmente a propriedade... será oportuno proclamar o reinado de Karl Marx.

Julgamos ter dado, publicamente, os necessários esclarecimentos ao sr. Dr. José Louro e ter defendido, quanto a S. Ex.ª, a posição do nosso jornal que, de modo nenhum, poderia ou desejaria deixar-se arrastar para polémicas desagradáveis e por isso mesmo, esperamos ficar exonerados do pedido de publicação da carta a que nos referimos e cujo conteúdo é, até certo ponto, apreciação de actos do Município que pelo artigo não tem responsabilidades.

Estantes e balcões

Vendem-se, em perfeito estado, de pinho e flandres servindo para diversos ramos de negócio.

Boas madeiras e muitos vidros. Informações na Fábrica de Moagem de J. A. Pacheco em Tavira — Telefone 13.

(Continuação da 1.ª página)

a regularidade de costumes e até as horas de refeição, ao seu serviço público. Manhã cedo, ainda a penumbra a dissipar-se com os alvares da madrugada, automóvel à porta, lá vinha ele, quantas vezes com uma cesta de sandwiches e de croquetes que à hora do almoço, comia dentro do automóvel, sempre com os olhos postos na estrada, sua eterna preocupação e sonho!

Quem conhecia o Algarve na época em que o Eng.º Barata Corrêa, primeiro como adjunto do Director e a seguir como Director de Estradas, é que pode, conscientemente, formar uma ideia de como se operou a transformação da pobrissima rede de comunicações, com a maravilha que são hoje as estradas da Província!

É certo que o impulso renovador dado pelo Estado Novo a esse decrépito sector da administração, foi o elemento decisivo e basilar de toda essa actividade. Sem dinheiro, sem meios, sem orientações competentes e bem intencionadas, nada teria sido possível a um técnico, fosse ele ou não Barata Corrêa.

Mas o certo é que o facto de Barata Corrêa se ter imposto pelo seu zelo, pela sua proficiência, pelo seu extraordinário dinamismo à consideração e aprêço dos seus superiores, na Junta Autónoma das Estradas, contribuiu eficientemente para que o Algarve recebesse, nesse quinhão de melhoramentos, uma percentagem muito superior à de outras províncias.

ECOS DE QUERENÇA

No pretérito dia 6 de Fevereiro, realizou-se na igreja paroquial desta freguesia, o enlace matrimonial do nosso assinante sr. Manuel Correia Lourenço e da sr.ª D. Joaquina Correia, residentes neste Povo, com a menina Maria Pereira Costa, filha do sr. António Costa e da sr.ª D. Serafina Pereira do sitio do Almarjão.

Apadrinharam o acto por parte do noivo o sr. Manuel da Silva Faisca e o sr. Manuel Correia Paulino, e por parte da noiva a sr.ª D. Maria Pereira Mesta Felicidade, do Barranco do Velho e a sr.ª D. Leonilde Viegas, de Amendoeira.

Após a cerimónia religiosa, presidida pelo Rev. P.º Matos, foi servido um fino «copo de água» na casa dos pais da noiva.

No mesmo dia também se efetuou o enlace matrimonial do sr. Custódio da Silva Martins, filho do sr. António Martins, e da sr.ª D. Maria Isabel Silva, dos Corcitos, com a menina Noémia dos Santos Guerreiro, filha do sr. António dos Santos e da sr.ª D. Maria da Glória dos Santos, deste Povo.

Foram padrinhos pela parte do noivo o sr. Mário da Silva Miguel e o sr. Manuel da Silva Miguel, dos Corcitos, e por parte da noiva, as sr.ªs D. Maria do Carmo dos Santos Guerreiro e D. Palmira dos Santos.

Aos novos casais desejamos muitas felicidades.

A sua tenacidade, ao seu esforço pessoal, ao seu invulgar «carolismo» se devem muitas construções que, possivelmente, se arrastariam durante muitos anos. E' que o Eng.º Barata Corrêa era de qualidade de «antes quebrar que torcer», o que equivale a dizer que «pegava e não largava».

De Lagos para Sagres, de Monchique para Saboia, de Faro para Almodôvar, para Vila Real de Santo António e daí para Mertola, enfim, toda a área do Algarve recebeu do Eng.º Barata Corrêa uma ajuda incalculável porque era seu timbre: «Fazer rápido e bem feito».

Espírito de uma vivacidade invulgar, apreendia notavelmente os problemas de ordem técnica, concebia um plano económico de realização e aproveitava todas as oportunidades para que a obra prosseguisse com um ritmo que não tinha igual.

E assim foi possível aproveitar para o Algarve, em condições excepcionais e raras, uma época de monção em «plena gestação».

E porque a sua capacidade de realização era grande, grande foi a obra de que o Algarve aproveitou em cheio!

Assim o compreenderam os Municípios desta Província, na justa e calorosa homenagem que lhe prestaram, oferecendo-lhe uma salva de prata com os escudos cinzelados de todos os concelhos algarvios.

A parte que Loulé, particularmente lhe deve, corresponde à sua actividade como técnico da Câmara.

Sob a sua proficiente direcção, orientação e fiscalização, o nosso concelho atingiu um grau de desenvolvimento, hoje ainda invejado por outros concelhos.

A sua norma de orientar, de administrar, de proje-

(Continuação na 5.ª página)



FORAM promovidos ao posto de capitão e colados, respectivamente, em Infantaria 2 (Abrantes), 4 (Faro), Batalhão Independente de Inf. 17 (Angra do Heroísmo) e 18 (Ponta Delgada) o nosso conterrâneo sr. Manuel Viegas de Sousa Lopes e os nossos compatriotas srs. Raul Telo Rato, José Bernardo Cruz de Aragão Teixeira e Jaime Bento Vieitas.

Associação de Assistência à Mendicidade

HOJE temos de focar um assunto que está levantando certos reparos por parte da nossa população, e a que não queremos deixar de atender, por ter incontestável direito a ser tratado.

Queremos referir-nos a certos mendigos desgarrados, que aqui e além se apresentam a pedir, numa tentativa lenta de recidiva, que deve ser atalhada a tempo, sob pena de se perder todo o trabalho feito.

Sabemos perfeitamente que esses mendigos, que sempre foram relapsos ao trabalho e ao asseio, se consideram espoliados no que eles julgam um direito: poder viver parasitariamente, sem esforço de qualquer espécie, conscientes de que a sociedade tinha obrigação de sustentar a sua mandrime.

Ora, isso nunca foi admitido nem aceite e apenas a natural falta de solução para o problema, deixava esses inveterados relapsos a qualquer aplicação útil, vivendo à custa de uma mendicidade organizada para os não obrigar a agenciar o seu sustento pelo trabalho.

Os que foram sempre trabalhadores e a velhice os atirou para a mendicidade, esses consideram um bem inapreciável terem comida certa e as possíveis ajudas de sabão, dinheiro e outras, e estão receosos de que tal bem acabe.

Os que andavam de taberna em taberna, de sôalheiro em sôalheiro a estadear a sua ociosidade, esses estão desejando que a acção da Associação termine, para voltarem à vadiagem e à bebedeira. Achamos que devem ter paciência e resignar-se a esta calamidade que lhes sobreveio: terem comida boa, saudável e certa e a horas certas. E não devem andar pelas ruas mais escondidas e sobretudo pelos arrabaldes da Campina e outros sítios vizinhos a dizerem que passam mal, que a comida não presta, o que além de representar uma calúnia, manifesta uma ingratidão imperdoável.

Pelo sr. Dr. Alves Valla dares, foi operado o menino Jorge Manuel Viegas Madeira, natural de Faro

«A Voz de Loulé»—Loulé
N.º 54-16 2-1955

Comarca de Loulé

Secretaria Judicial

A N U N C I O

(2.ª publicação)

Faço saber que nesta Secretaria Judicial da Comarca de Loulé foi instaurada uma acção que tem por objecto decretar a interdição por demência do arguido Joaquim Martins Farrajota, viúvo, proprietário, residente no sítio dos Quartos, freguesia de S. Clemente, desta comarca de Loulé.

Loulé, 21 de Janeiro de 1955.

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio A. da Veiga

Verifiquei:

O Juiz de Direito
Arnaldo dos Santos Lança

(Continuação na 4.ª página)

Laboratório de análises clínicas Ascensão Afonso

Médico-especialista

Análises clínicas

Metabolismo Basal

RUA CONSELHEIRO BIVAR, 102

Telefone, 366

F A R O

Lá por fóra... Casa do Algarve em Lisboa

Por 409 votos contra 3, a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou os poderes que Eisenhower pediu na mensagem dirigida aos americanos sobre a situação no Pacífico resultante do ataque à Formosa pelas forças comunistas chinesas. Por sua vez, o Senado também aprovou aqueles poderes por 85 votos contra 3. Assim, Eisenhower poderá utilizar, quando e como entender, forças americanas naquela ilha.

Apoiado pelos chefes militares das três armas, que lhe dirigiram um memorando no qual se confessam preocupados com os perigos que sem dúvida apresentará — no meio da grave crise económica e social que o Brasil atravessa actualmente —, uma violenta campanha eleitoral, o Presidente Café Filho dirigiu um apelo a todos os partidos políticos para a união na resolução do problema da sucessão presidencial, em Janeiro do próximo ano.

Depois de um longo debate parlamentar acerca da política governamental no Norte de África, Mendès-France foi derrotado por maioria constitucional (mais de 314 votos). O Chefe do 20.º Governo francês depois da guerra não conseguiu mais de 273 votos contra 319. Foi encarregado de formar governo o «leader» independente Antoine Pinay que até à hora de escrevermos ainda não obteve a investidura.

Outro assunto nos cumpre também tratar, o qual é o do hábito deplorável de certas pessoas darem esmolas à porta das igrejas.

Tem sido bastantes vezes pedido por quem de direito, que não se pratique esse hábito, pois as pessoas que desejam exercer a caridade, sentimento aliás altamente louvável, o devem fazer lançando o seu óbulo nas caixas existentes nos templos e que se destinam a várias obras pias de grande alcance social, como sejam o Pão de Santo António, a Obra de S. Vicente de Paulo, etc. que vão ser destinadas à pobreza recolhida, muito necessitada, mais precisada a maioria das vezes, do que a que andava a mendigar.

As pessoas caridosas que dão esmola à porta dos templos, que devem ser locais de oração e recolhimento.

(Continuação na 4.ª página)

REUNIU no dia 31 de Janeiro findo a Assembleia Geral da Casa do Algarve, a que presidiu o sr. Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, para apreciar o relatório e as contas da gerência de 1954 e eleger os corpos directivos para 1955.

Temos presente o relatório, que foi aprovado, bem como as contas, encerradas com um saldo de 18.154\$60 e um activo de 198.643\$85.

Na Assembleia foram anunciados um projecto de reforma do Conselho Superior Regional, com vista a tornar ilógicas as indesejáveis divisões e dispersões regionalistas algarvias em Lisboa e entre outras realizações, a montagem de um Museu de Amostras de Produtos Algarvios em estantes e quadros-vitrines com um serviço anexo de informações gerais e turísticas.

A Assembleia proclamou sócios honorários o nosso falecido conterrâneo, Eng.º Duarte Pacheco a título póstumo e o Dr. Augusto da Silva Carvalho, ilustre médico, professor, publicista e académico, natural de Tavira, e que há pouco completou 93 anos.

Foram proclamados sócios beneméritos o escultor Raul Xavier, autor dos monumentos a Ataíde de Oliveira, nesta vila, e a D. Francisco Gomes de Avelar, em Faro, e o jornalista português, sr. Daniel Constant, a

cujos valiosos trabalhos no «Primeiro de Janeiro» muito deve já o turismo algarvio.

Procedeu-se à eleição dos corpos gerentes que ficaram constituídos:

Assembleia Geral — Presidente, Juiz-Conselheiro Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho; Vice-Presidente, Eng.º Geógrafo Dr. José António Madeira; 1.º Secretário, José Raul da Graça Mira; 2.º Secretário, Dr. António de Sousa Pontes; 1.º Vice-Secretário, Armando Trindade Mateus; 2.º Vice-Secretário, Mário Candeias Próspero.

Directrizes — Presidente, Major Mateus Martins Moreno Júnior; Vice-Presidente, Dr. Quirino dos Santos Mealha; 1.º Secretário, Hermenegildo Neves Franco; 2.º Secretário, Resende Fernandes Camacho; Tesoureiro, Apolinário Macara; Vogais efectivos, Arnaldo Martins de Brito e José Maria da Silva; Vogais Suplentes, Joaquim do Sacramento Grade e José Martins Ferreira.

Conselho Fiscal — Presidente, António Libânio Correia; Herculano de Sousa Leiria; Jerónimo Gregório Marcos.

Conselho Superior Regional — Albufeira, António Libânio Correia; Alcoutim, José Anastácio Honrado; Aljezur, Capitão Numa Pompilio Resende Correia; Alportel, Dr. José de Sousa Carrasca; Castro Marim, Conselheiro Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho; Faro, Major Mateus Martins Moreno Júnior; Lagoa, Hermenegildo Neves Franco; Lagos, Escultor Rogério Paletti Berger; Loulé, Eng.º Geógrafo Dr. José António Madeira; Monchique, Dr. José Aboim Ascensão Contreiras; Olhão, Dr. D. Maria Odete Leonardo da Fonseca; Portimão, Joaquim António Nunes; Silves, Julião Quintinha; Tavira, Coronel Carlos Ludgero Antunes Cabrita; V. do Bispo, Major Jacinto José do Nascimento Moura; V. R. Santo António, José Barão.

Antes de encerrar a sessão, o sr. Presidente da Mesa deu posse aos novos corpos gerentes.

TRANSPORTE DE MERCADORIAS

de LISBOA para o ALGARVE

Preços especiais para cargas completas de

5,5 - 6 - 7,5 - 8,5 e 11 toneladas

No vosso interesse consulte

Camionagem Continental, Lda

Av. 24 de Julho, 92-B

Telefones: 66 5962 e 66 2832

Rua 18 de Junho, 233

Telefones: 281 e 327

L I S B O A

O L H Ã O

O Carnaval de Loulé é uma festa de sôa optimismo, bom humor e originalidade!

Milhões de flores utilizadas numa exposição de ideias alegorizadas.

co, tem hoje como maior aspiração, ser bem governado, dando-se-lhe satisfação, sem quebra da justiça e das liberdades que lhe são essenciais às suas necessidades de ordem económica, espiritual e moral,—afirmou o sr. Ministro do Interior na posse do novo Governador Civil de Setúbal.

Redes de pesca para rios e ribeiras

Em todas as dimensões e modelos.

Encomendas para:

Soares & Nogueira

Est. Nacional Telef. 27

CONSTANCIA

Usado pela Comissão de Censura

Direitas e esquerdas constituem fórmulas políticas há muito ultrapassadas, visto que, para além delas, está o povo que, no domínio político

C. T.

Palma & Pereira, Limitada

Por escritura de 14 de Agosto de 1952, exarada a fls. 85 do livro respectivo n.º 128, do notário da Secretaria Notarial de Loulé, Licenciado em Direito, José Alves Maria, Maria do Carmo Viegas, cedeu a quota de 5.000\$00, que possuia na Sociedade «Palma & Pereira, Limitada», da seguinte maneira:

Metade de 2.500\$00 a Sebastião Viegas Martins, e a outra metade também de 2.500\$00, a Luiz Seabra Garcia.

Por essa mesma escritura, os actuais sócios da aludida sociedade, que são Manuel de Brito, Sebastião Viegas Martins e Luiz Seabra Garcia, convieram em substituir o pacto social pelo seguinte:

1.º—A sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, que, por escritura de dez de Maio de mil novecentos e quarenta e oito, outorgada perante o notário do concelho de Almodovar, Fausto da Graça Barata, foi constituída sob a firma Palma & Pereira, Limitada, com sede na povoação e freguesia do Ameixial concelho de Loulé, continua a sua existência jurídica, mas reger-se-á de futuro pelas clausulas dos artigos subsequentes, as quais substituem inteiramente o actual pacto.

2.º—A sociedade continua a adoptar a mesma firma Palma & Pereira, Limitada, passa a ter a sua sede em Loulé, na Rua 1.º de Dezembro, n.º 11, a sua duração continua por tempo indeterminado e os efeitos da presente modificação contam-se desde hoje.

3.º—O seu objecto é a exploração da indústria de camionetas de carga «aluguer de», ou qualquer outro ramo, em que os sócios acordem, excepto o bancário.

4.º—O capital social, actualmente de dez mil escudos, inteiramente realizado, é reforçado com cinco mil escudos, em dinheiro, que já deu entrada na caixa social pelo que este fica elevado a quinze mil escudos, subscrivendo para o aumento o sócio Sebastião Viegas Martins, com dois mil e quinhentos escudos e o sócio Luiz Seabra Garcia, com outros dois mil e quinhentos escudos, ficando as quotas dos sócios, depois de devidamente unificadas, a ser as seguintes:

Manuel de Brito, cinco mil escudos; Sebastião Viegas Martins, cinco mil escudos, e Luiz Seabra Garcia, cinco mil escudos.

A quota do sócio Manuel de Brito é representada pelo valor do camião F. H. das seis-setenta e três, marca Thames-Fordson, a galóseo, transferido para a sociedade.

5.º—Não haverá prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão

fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, nas condições que fôr deliberado em assembleia geral.

6.º—Todos os sócios são gerentes com ou sem remuneração, conforme fôr deliberado em assembleia geral, com dispensa de caução e representarão a sociedade em juiz e fora dele, activa e passivamente, mas ela só ficará obrigada quando os respectivos actos e contratos, sejam assinados por dois dos sócios, sendo porém, bastante a assinatura de um deles em assuntos de mero expediente.

7.º—É expressamente proibido assinar em nome da sociedade quaisquer documentos estranhos aos negócios sociais, nomeadamente letras de favor fianças, abonações e outros semelhantes, respondendo o contraventor desta disposição pessoalmente perante a sociedade, por todos os prejuizos que lhe advierem, e pelas obrigações assim assumidas.

8.º—No caso de falecimento de qualquer sócio os direitos do falecido serão exercidos por um só dos respectivos herdeiros ou representantes, escolhido por acordo entre eles e indicado à gerência da sociedade.

9.º—Desde que os herdeiros do falecido desejem abandonar a sociedade será a sua quota adquirida por esta e paga a pronto ou em prestações trimestrais, durante o prazo de dois anos, conforme convinha à sociedade e for deliberado em assembleia geral, pelo valor resultante do último balanço efectuado antes da morte do sócio, acrescido da importância que lhe deveria caber, como dividendo, em relação aos meses decorridos do ano social calculada com base no balanço do ano anterior, ou apurada em novo balanço a realizar na ocasião.

10.º—Os sócios obrigam-se a não desenvolver individualmente ou de co-participação com outrem, os mesmos ramos de actividade explorados pela sociedade, sob pena de ao contraventor ser amortizada a respectiva quota pelo valor do último balanço.

11.º—Os balanços sociais serão encerrados com relação a trinta e um de Dezembro de cada ano, e os lucros líquidos por eles apurados, deduzida a percentagem de cinco para cento para formação ou reintegração do fundo de reserva legal e quaisquer outras percentagens para outros fundos que a assembleia geral resolva criar, os prejuizos serão distribuídos ou suportados pelos sócios na proporção das suas quotas.

12.º—Todos os encargos ou responsabilidades que, porventura, haja sido contraídos até esta data, quer da sociedade, quer com referência ao camião «F. H. das setenta e três», serão de conta do sócio Manuel de Brito.

13.º—No caso de dissolução, serão liquidatários os gerentes, procedendo-se à liquidação e partilha conforme for acordado e de direito.

14.º—No ómissos regularão as disposições legais aplicáveis.

Secretaria Notarial de Loulé, 22 de Janeiro de 1955.

O ajudante,

Joaquim Ramos Seruca

«A Voz de Loulé» — Loulé N.º 54 — 16-2-1955

Comarca de Loulé

Secretaria Judicial

ANUNCIO

(2.ª publicação)

Faço saber que no Juízo de Direito da comarca de Loulé, 2.ª secção, por sentença de 20 de Outubro de 1954 foi declarado em estado de falência Júlio Mendonça, casado, comerciante, residente em Albufeira, na Rua 5 de Outubro, tendo sido nomeado administrador da massa falida Artur Candeo de Sousa e Silva, casado, funcionário de finanças aposentado, residente em Albufeira e fixado em quinze dias o prazo para a reclamação dos créditos.

Loulé, 6 de Janeiro de 1955.

O Chefe da 2.ª secção
António Ilídio Assis da Veiga
Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Arnaldo dos Santos Lança

Trabalhos tipográficos

Em alto relevo, executam-se com perfeição na

Gráfica Louletana

Telefone 216

LOULÉ

guias quando se mostrem desnecessárias.

11.º—Os balanços sociais serão encerrados com relação a trinta e um de Dezembro de cada ano, e os lucros líquidos por eles apurados, deduzida a percentagem de cinco para cento para formação ou reintegração do fundo de reserva legal e quaisquer outras percentagens para outros fundos que a assembleia geral resolva criar, os prejuizos serão distribuídos ou suportados pelos sócios na proporção das suas quotas.

12.º—Todos os encargos ou responsabilidades que, porventura, haja sido contraídos até esta data, quer da sociedade, quer com referência ao camião «F. H. das setenta e três», serão de conta do sócio Manuel de Brito.

13.º—No caso de dissolução, serão liquidatários os gerentes, procedendo-se à liquidação e partilha conforme for acordado e de direito.

14.º—No ómissos regularão as disposições legais aplicáveis.

Secretaria Notarial de Loulé, 22 de Janeiro de 1955.

O ajudante,

Joaquim Ramos Seruca

Factores determinantes

(Continuação da 1.ª página)

electricidade a preço acessível e razoável. Creio que isto se modificará com o transporte da energia produzida nos nossos grandes aproveitamentos hidráulicos. Aparecerão então novas indústrias, sobretudo as subsidiárias da agricultura.

Existem neste concelho jasigos de antimónio, cobre e ferro, conforme atestam os respectivos registos oficiais, e de variadas espécies de calcário donde se extraí cal e gesso em grande quantidade. Possue explêndida matéria prima para a fabricação de cimento e cal hidráulica; riquíssimas pedreiras de cantaria e jasigos de mármore, argilas plásticas e caulinhas, águas com qualidades terapêuticas, etc. A sua zona piscatória é abundante em espécies, não faltando sequer a ostreicultura em grandes bancos no mar da pitoresca praia de Quarteira, riqueza, infelizmente, inexplorada.

Coexistindo com todo este potencial, encontramos em pleno funcionamento industrial fábricas de moagem de cereais, trituração de alfarroba, pomadas de calçado, cartonagem, curtimento de peles, aguardente, cal, trelha e tijolo, louças, vassouras, cordame, sabão, tecidos de linho e juta, saria, chumbo para caça, alcatrão vegetal e ainda oficinas de alfaia agrocolas, albardeiros, correeiros, funileiros, carpinteiros de carros, a extraordinária manufatura de calcário que fornece parte do Algarve e Baixo Alentejo e de que vivem milhares de operários.

A manufatura de obra de palma e esparto, que é essencialmente caseira, podendo classificar-se como uma das mais importantes do artesanato regional computando-se nalguns milhares as pessoas que executam as bem conhecidas esteiras, alcofas, balsas, cíereos, chapéus, cordoaria, etc. Este ramo do artesanato português, bem orientado, podia transformar-se numa grande fonte de receita e mesmo assim é ver em todo o País os lindos cestos de palma com arabescos e desenhos coloridos utilizados na condução de pequenos objectos, e que constitui já hoje um interessante cartaz de propaganda algarvia. Precisa no entanto ser ainda mais conhecido nos mercados nacionais e estrangeiros.

Os louletanos, especialmente, não devem perder de vista o aperfeiçoamento artístico e estético desta arte. O mesmo se poderia dizer quanto à indústria de sapataria onde se nota falta de técnicos com conhecimentos de desenho.

Na vila de Loulé existem ainda os famosos artistas que trabalham manualmente o cobre e o latão, executando peças altamente apreciadas com os mais aprimorados motivos.

Um outro ramo de indústria que merece também realce é o da construção civil, onde se agrupam na delegação dos respetivos sindicatos, pedreiros, estucadores, serraleiros, canteiros, pintores, carpinteiros, calceteiros, especialistas de cimento armado e de pavimentação com mármore, abrangendo muitas centenas de filiados.

A cerâmica tosca ocupa cerca de 30 oficinas e uns 50 telheiros.

Poderá computar-se nalguns milhares os operários englobados pelas indústrias mencionadas excluindo o artesanato e indústrias caseiras como são os fabricantes de cadeiras de pinho com assentos de tábua, de cestos de cana e de vime, de que é o principal fornecedor do País, de linho em peça, canastras, covos, alforjes, colheres de pau, meias de linho, mantas de trapos e de lãs, cílias, etc.

Perante este poliformismo comercial e industrial dados tão persuasivos, julgo amplamente justificada a pretensão desse concelho em possuir na sua sede uma escola técnica que, a meu ver, deve ser industrial e comercial.

E o concelho do Algarve com o maior número de contribuintes (cerca de 3.000) na parte industrial e o que maior quantia paga ao Estado, na indústria, depois de Faro, Olhão e Portimão.

(CONTINUA)

Associação de Assistência à Mendicidade

(Continuação da 3.ª página)

mento, e asseados, contribuem involuntariamente para o barulho e algazarra e falta de asseio que se nota, sobretudo junto ao guarda-vento, onde geralmente se acolhem os mendigos, cospindo e chapinhando, sujando tudo, em suma.

Daqui apelamos para tais caridosas pessoas pedindo-lhes que nos ajudem e não contribuam para desfazer o que com tanto esforço se está levando a efeito. Com a insignificante esmola que distribuem, não matam nenhuma necessidade e se pensam que, pouco de um lado, pouco de outro, contribui para que os mendigos passem melhor, fomentam deliberadamente o espírito de mendicidade que tanto se tem querido eliminar.

Outro ponto que também desejamos trazer à publicidade é o resultante do hábito de algumas pessoas distribuirem esmolas à porta do cemitério, nos dias do funeral de pessoas de família.

Esse generoso propósito teria melhor cabimento, sem fugir à caridosa intenção que o dita, sendo enigma a qualquer das instituições de caridade existentes, com o encargo de as distribuir pela intenção que se deseja.

Em virtude do propósito de dar as esmolas, que se torna conhecido, juntam-se todas as pessoas que pretendem ser contempladas, com aquelas que dedicadamente e por dever de amizade ou de consideração pessoal ou de família se incorporam no préstimo, e ali andam aos encontros, e acotovelamentos com pessoas mal asseadas e nojentas, algumas delas excessivamente nojentas que ali vão na mira da esmola. E se esta lhe não foi dada, que de comentários causticantes à família do falecido se não ouvem no regresso do cemitério?

Será talvez aconselhável obviar a este inconveniente fazendo constar que não serão distribuídas esmolas à porta do cemitério e sim dadas pela mesma intenção a qualquer das instituições de caridade existentes, tendo-se cumprido o preceito cristão de dar com a mão direita sem que a esquerda o saiba e aliviando o sofrimento ou matando as necessidades a pessoas muito mais necessitadas.

Oxalá assim venha a ser feito para devida caridade para com os necessitados e fim de tão deplorável uso, que já se não compadece com os hábitos de uma terra civilizada.

A Comissão

VENDEM-SE

Individualmente ou em conjunto total ou parcial, os seguintes prédios pertencentes a José da Silva Adelaide Rocha e que foram de Francisco de Andrade, de Olhão:

1) Prédio rústico, no sítio da Boa Vista, freguesia de Quelfes, denominado «Alfarrobeiras».

2) Prédio rústico, no mesmo sítio e freguesia, denominado «Monte Velho».

3) Prédio rústico, no sítio da Ana Velha, da mesma freguesia, denominado «José da Ponte».

4) Prédio rústico, no mesmo sítio e freguesia, denominado «Lagar».

5) Prédio mixto - casa de moradia, dependências agrícolas e terra de semear, com árvores, no sítio do Poço Longo, da mesma freguesia.

6) Prédio rústico, no sítio de Brancane, freguesia de Quelfes, denominado «Manuel do Cerro».

7) Prédio rústico, no mesmo sítio e freguesia, denominado «Pacheco».

8) Prédio rústico no sítio da Boa Vista, freguesia de Quelfes, denominado «Da Luzia».

9) Prédio rústico no sítio de Brancane, freguesia de Quelfes, denominado «Pinheiros».

10) O direito a 5/6 dum prédio rústico, no sítio da Boa Vista, freguesia de Quelfes, denominado «Monte Esperança».

11) Morada de casas com vários compartimentos, no sítio da Boa Vista, freguesia de Quelfes.

12) Prédio rústico no sítio da Fornalha, freguesia de Moncarapacho, denominado «Corrente de Olhão».

Os prédios são vendidos livres de ónus ou de hipotecas, pelo melhor preço, oferecido por meio de carta fechada, dirigida para o escritório em Loulé do advogado Jaime Guerreiro, Rua que se reserva o direito de não aceitar as propostas se não convierem.

A proposta que fôr aceite deverá ser logo confirmada com o sinal de 20%.

As propostas serão abertas no referido escritório pelas 16 horas do dia 5 de Março próximo.

Concurso Fotográfico de motivos ALGARVIOS

CONTINUA despertando o maior interesse o Concurso Fotográfico de Motivos Algarvios, promovido pela Comissão de Turismo e Propaganda da «Casa do Algarve», em Lisboa.

A presente época das Amendoeiras, em plena floração, vem dar o maior ensejo para todos os interessados colherem os seus melhores clichés.

Dos prémios constarão, além de uma valiosa oferta do S. N. I. e da Taça «Casa do Algarve» várias taças oferecidas pelas Comissões e Juntas de Turismo daquela província e objectos de arte.

As fotografias deverão ser entregues até ao dia 7 de Março próximo, na Secretaria do Casa do Algarve, Rua Capelo, 5-2.º, Telefone 23240 — onde se fornece o respectivo regulamento.

Eng. Joaquim Barata Corrêa

(Continuação da 3.ª página)

Barata Corrêa era natural de Sertã e contava apenas 57 anos e deixa viúva a sr.ª D. Maria Augusta Mendonça David Barata Corrêa e era pai dos srs. António de Mendonça Barata Corrêa, funcionário de justiça e Eduardo e Joaquim Mendonça David Barata Corrêa, estudantes de medicina e engenharia, respectivamente, e irmão da sr.ª D. Maria José Neves Corrêa e Silva e dos srs. António Barata Corrêa, Dr. José Barata Corrêa da Silva e Eduardo Barata da Silva Corrêa, director do

nosso prezado colega «A Comarca da Sertã», e cuñado das sr.ªs D. Maria Eugénia e D. Maria Carolina de Mendonça David, em religião Irmã Maria Madalena de Chantal, e do sr. Alfredo de Mendonça David.

A todos, «A Voz de Loulé», de que o saudoso extinto era amigo e assinante, renovamos as nossas sentidas condolências.

Presidiu à construção de importantes aterias, dos edifícios, dos Paços do Concelho, Centro de Saúde, e a obras de transformações importantíssimas e cujo referir, pormenorizadamente, seria fastidioso.

Conseguiu, mercê das suas influências pessoais e da alta consideração em que, superiormente, era tido, facilitar para Loulé, muitos dos mais importantes melhoramentos de que hoje disfruta.

Da sua capacidade técnica falam-nos as comissões extraordinárias de serviço a que foi chamado pelo Governo, em Cabo Verde, Angola, Macau, S. Tomé, estrada militar de Pegões, estudo, na América, da maquinaria mais conveniente para os trabalhos rodoviários do País, etc.

O Algarve recebeu com tristeza a notícia da morte do engenheiro Barata e perdeu nele um devotado amigo e um dedicado servidor.

O engenheiro Joaquim

C. T.

Transportes de Carga Louletana, Lda.

Participa ao Exmo Público que iniciou a sua actividade com transportes de pequena e grande tonelagem para todo o País

Sede em Loulé

Largo Tenente Cabeçadas
Telefones 30 e 17

Sucursal em Lisboa

Rua Nova do Desterro, 35
Tel. 44245 (provisório)

Todos os assuntos relacionados com esta firma devem ser tratados com Pires ou Sousa

VIAJANTE

De preferência com carta de ligeiros, precisa armazém de mercearias.

Nesta redacção se informa.

J. R.

Ginginha Santo Antão

A melhor do País

Vende por grosso e a retalho o depositário no Algarve

M. Brito da Mana

Telefone 18 Loulé

A Voz do F

Notícias pessoais "Algarve

Aniversários

Fazem anos em Fevereiro:
Em 7.º o menino José Manuel Viegas.
Em 19.º a sr.ª D. Maria Júdice Lourenço Pedro e o menino José António de Lima Faisca.
Em 20.º a Maria Madalena Teixeira Farrajota Cavaco.
Em 21.º o sr. Mário Neves Córiss Graça, residente em Portimão.
Em 22.º o sr. Augusto Vicente Duarte.
Em 23.º o sr. Ventura José Rocheta Gomes, residente em Coimbra.
Em 25.º a sr.ª D. Maria Olávia Cristovão Ricardo, e os srs. José Matias Cardoso Ramos e Barros, Carlos Martins Elias e Sérgio Gonçalves Martins.
Em 26.º o sr. Manuel Rodrigues Cebola, e a menina Maria da Assunção Faisca Zacarias, residente na Venezuela.
Em 27.º a sr.ª D. Maria Gabriela Lopes Quintas.

Partidas e chegadas

De visita a sua família, encontra-se entre nós o sr. Luís Manuel S. Martins filho do sr. Manuel Martins e irmão da nossa assinante sr.ª D. Maria de Assunção Martins.
A fim de frequentar, em Vendas Novas, o curso para efeitos de promoção, regressou da cidade da Horta (Açores) o sr. Tenente Luis Teixeira Fernandes, acompanhado de sua esposa a nossa conterrânea sr.ª D. Stela da Ponte Costa Alves Teixeira.
Acompanhado de sua esposa, deslocou-se há dias a Lisboa, onde foi esperar sua filha e genro, o nosso prezado amigo e assinante sr. José da Costa Alves.
Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. José Manuel de Oliveira Filho, que a seu pedido foi há pouco transferido de Lisboa para a Secção de Finanças de Castro Marim.
Acompanhado de sua esposa, mãe e cunhada, seguiu há dias para Fátima, o sr. José Pires Pontes, que em Lisboa embarcará de regresso aos Estados Unidos.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se entre nós em goso de licença, o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. José Maria Martins, agente da P. S. P. em Faro.

Após ter estado internado no Hospital de S. José, encontra-se entre nós, em convalescência, o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. João de Sousa Dias, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Laura de Sousa Dias.

Regressou de Lisboa, onde esteve algum tempo em casa de sua filha, sr.ª D. Maria das Dores de Sousa Anica.

Vimos nesta, o nosso prezado assinante em Requengos de Monsaraz sr. José da Silva Domingues.

Casamento

No passado dia 15 de Janeiro, realizou-se, na igreja de S. Pedro, no Chinde (Moçambique), a cerimónia do casamento da sr.ª D. Lisete Pina Duarte, natural de Vila Real de Santo António, filha do sr. Alvaro Duarte e da sr.ª D. Maria das Pedras Alvas Pina Duarte, já falecidos, e irmão do sr. Alvaro Pina Duarte e da sr.ª D. Maria de Lourdes Duarte Barros, com o sr. António Mário Ruas Pedroso, filho da sr.ª D. Maria Antónia Ruas Pedroso e do sr. Diamantino Pedroso, residentes no Chinde.

Aos noivos, deseja «A Voz de Loulé» muitas felicidades.

Doente

Vindo de Angola, onde foi acometido por doença de certa gravidade, chegou há dias a Lisboa o sr. Manuel Maria Domingues Bolotinha, filho do colaborador e amigo, sr. Augusto César Bolotinha.

Nascimentos

No pretérito dia 1 do corrente teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria de Lourdes Duarte Barros, esposa do proprietário do nosso jornal.
Na Casa de Saúde desta vila, também teve o seu bom sucesso, no dia 17 do corrente, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Elizabeth da Silva Sequeira Costa, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Costa Brito, comerciante da nossa praça e filha do nosso prezado assinante e amigo, sr. Adelino Francisco da Silva.

Aos pais e avós, endereçamos os nossos parabéns, com votos de longa vida para os recém-nascidos.

Falecimento

Com a idade de 47 anos, faleceu nesta vila no dia 2 do corrente, a sr.ª D. Maria Luisa Correia Ramos, telefonista dos C. T. T. A falecida era casada com o sr. Abraão da Piedade Morgado, aferidor Municipal e mae do sr. Francisco José Ramos Morgado, da menina Maria Angela Ramos Morgado e do menino Délia Carlos Ramos Morgado.

A família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Prof. Lopes de Andrade

ESTEVE em Loulé acompanhado de sua esposa e filha e visitou os pontos mais pitorescos dos arredores da vila em companhia do nosso director, o Prof. Doutor Augusto Lopes de Andrade, professor catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa e director do Instituto Oftalmológico «Dr. Gama Pinto» que, na sua qualidade de Presidente Nacional da Liga Católica, se deslocou a Faro para proferir uma conferência na sessão integrada nas festas comemorativas das aparições de Lourdes.

Agradecimento

Joaquim de Brito da Mana, António Correia de Brito da Mana e Joaquim Correia de Brito da Mana, na impossibilidade de, por carência de endereços, agradecerem pessoalmente a todas as pessoas

que se interessaram pelo estado de saúde de sua chorada esposa e mãe, Mariana de Jesus Correia, vêm fazê-lo por este meio, tornando extensivo o seu agradecimento a todas as pessoas que de qualquer forma lhes manifestaram os seus sentimentos de pesar, bem como às que tiveram a gentileza de a acompanhar à sua derradeira morada.

Cartões de visita

Simples, de fantasia ou de luto, não encomende sem ver o grande e moderno sortido da

Gráfica Louletana

Jardim de trinta léguas

Assim o provou numa brilhante conferência profida no Ateneu Comercial do Porto o sr. Hermenegildo Neves Franco

SUBORDINADA àquele título, proferiu o nosso ilustre comprovinciano e dedicado presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve, sr. Hermenegildo Neves Franco, uma brilhantíssima conferência de propaganda regional no Ateneu Comercial do Porto.

Segundo lemos no noticiário da imprensa, o trabalho do devotadíssimo algarvio que é o nosso prezado amigo sr. Hermenegildo Neves Franco, despertou o maior interesse na cidade do Porto e foi uma verdadeira pintura das belezas algarvias.

Neves Franco mais uma vez contribuiu para um melhor conhecimento da nossa província, exaltando lhe a paisagem, o folclore, o clima, de modo a suscitar o desejo duma visita e indicou as melhores épocas, meios e condições para uma viagem turística ao Algarve, sem deixar de apontar as dificuldades de ligação ferroviária, estado da indústria hoteleira, etc.

Depois da notável conferência foi exibido um excelente documentário «Algarve em flor», que muito bem ilustrou as afirmações do conferente, o qual, durante a sua estadia na capital nortenha, recebeu várias demonstrações de carinho pela nossa província.

Transcrição

O nosso prezado colega «O Castelovidense», transcreveu na integra a nossa local «Resumos», precedendo-a de amáveis e entusiásticas palavras de aplauso.

E' nos grato verificar que, neste desentendimento geral, há quem, como nós, pense que alterar, adaptar ou resumir uma obra de arte (musical e literária) é desvirtuar, mais, é desrespeitar a vontade criadora dos respectivos autores.

Apossar-se duma ideia para a torcer ou modificar, é um verdadeiro abuso, uma espécie de roubo que nos repugna e nos revolta,

Obrigado, colega, pelo seu vibrante apoio.

O PROBLEMA

da graínha de alfarroba em vias de solução

DEVE o leitor estar lembrado da divergência de ponto de vista entre o comércio de exportação e a indústria de farinização de grainha de alfarroba e que nos fizemos eco, expondo o ponto de vista da lavoura que, no caso pedia o estudo conscientioso do problema, com vista à solução que melhor satisfizesse a economia nacional.

Acaba o Senhor Ministro da Economia de reconhecer a justiça e isenção com que a Lavoura Algarvia encarava assunto tão grave para a província nomeando uma comissão constituída por:

Eng. agrônomo Alberto Ladeiro Correia Vargues, delegado da Junta Nacional das Frutas no Algarve, que servirá de presidente; Eng. agrônomo Fernando da Costa, em representação da Direção-Geral dos Serviços Industriais; João Valadares de Aragão e Moura, gerente do Grémio da Lavoura de Loulé, como representante da Lavoura; Dr. José de Aragão Teixeira, presidente do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve, em representação do comércio exportador, e Luís Lopes Matheus sócio da firma Industrial

Farense, Ld.ª como representante da indústria.

Esta é, realmente, a maneira mais lógica e razoável de pôr em equação um problema que interessa mais duma actividade—entregar o seu estudo a representantes de todos os interessados, para em conjunto, apresentarem a quem tenha de resolver, as conclusões a que, honestamente, tenham chegado.

Porque a comissão nomeada é constituída por pessoas inteiramente conhecedoras da questão, quer no aspecto particular das actividades que representam, quer no aspecto geral da economia da província, esperamos que do seu trabalho resulte uma sugestão de justo equilíbrio a bem do Algarve.

Aos Senhorios

Livros de recibos para rendas de casas, vendem-se na Gráfica Louletana
Telefone 216

Confie as suas encomendas à Gráfica Louletana — Telefone 216 — Loulé.

José de Sousa Pedro

Stand e Escritório

Rua 5 de Outubro, 29, 31 e 33

L O U L É

Seguros em todos os ramos n'A MUNDIAL
Pneus «MABOR»

Motores: Eléctricos, Diesel e a Petróleo.

Grupos: Moto-bomba e electro-bomba.

Máquinas: Industriais e Agrícolas.

Bombas de todos os tipos, para grandes e pequenos débitos.

Correias: «Ranito» e «Ranilon».

Massas aderentes para correias, ligadores, etc.

Tapetes e capachas «Zerbin» em borracha.

Tudo se prepara entusiasticamente para que os festejos carnavalescos deste ano correspondam em brilho e animação à fama que de ano para ano tem vindo a merecidamente.